

# GÊNESE TEXTUAL: UM OLHAR SOBRE A ATIVIDADE METALINGUÍSTICA DE CONCORDÂNCIA VERBAL DE CRIANÇAS PORTUGUESAS DO 4º ANO PRIMÁRIO<sup>1</sup>

MAURI CÉLIO ALVES SANTANA<sup>2</sup>  
EDUARDO CALIL<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta uma breve discussão teórico-metodológica sobre a atividade metalinguística de concordância verbal na história inventada *A Branca de Neve no tempo dos dinossauros*, produzida por uma díade portuguesa (ambos com 10 anos de idade), sob o viés da Genética Textual (GT), que coloca a gênese do texto num campo de investigação privilegiado em relação ao produto textual. Tomando como objeto de reflexão o processo de escritura em ato e a relevância da rasura, sobretudo a rasura oral, para a compreensão das atividades metalinguísticas analisadas. As discussões teóricas aqui levantadas apoiam-se nos estudos de Fabre (1990); Calil (2012); Calil (2017); Camps e Milian (1999), entre outros estudiosos do campo da GT que contribuem para a fundamentação das considerações acerca dos eventos de concordância verbal evidenciados na escrita colaborativa, analisados neste artigo a partir do princípio teórico da linguística enunciativa.

**Palavras-chave:** Concordância verbal, Linguística Enunciativa, Manuscrito Escolar.

- 1 Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutoramento em Linguística em andamento.
- 2 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: maurisantana2009@hotmail.com
- 3 Professor titular da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – E-mail: calil@cedu.ufal.br

## ABSTRACT

This article presents a brief theoretical-methodological discussion about the metalinguistic activity of verbal agreement in the invented story *A Branca de Neve* in the time of the dinosaurs, produced by a Portuguese dyad (both 10 years old), under the bias of Textual Genetics (TG), which places the genesis of the text in a privileged field of investigation in relation to the textual product. Taking as an object of reflection the process of writing in action and the relevance of erasure, especially oral erasure, for the understanding of the metalinguistic activities analyzed. The theoretical discussions raised here are based on studies by Fabre (1990); Calil (2012); Calil (2017); Camps and Milian (1999), among other scholars in the field of GT who contribute to the foundation of the considerations about the events of verbal agreement evidenced in collaborative writing, analyzed in this article from the theoretical principle of enunciative linguistics.

**Keywords:** Verbal agreement, Enunciative Linguistics School manuscript.

## INTRODUÇÃO

Com o advento da Genética Textual (GT), compreendida aqui a partir de Gresillon (1994), de Willemart (1993) e de Biasi (2010), as reflexões sobre o texto enquanto processo ganham ainda mais espaço nas pesquisas científicas, sobretudo com relação à articulação de ideias e ao grau de intencionalidade de quem escreve, considerando a capacidade de reformulação linguístico-textual-discursiva dos interactantes, que é revelada no texto em curso, seja pelas marcas deixadas pelas rasuras escritas, seja pelo movimento de alternância das ideias dada pela interação em díade no momento do planejamento textual. Como diz Fabre (1990) “as rasuras são as marcas da função metalinguística em funcionamento”.

Genética Textual cabe investigar os processos de escritura; revelar os movimentos do processo de invenção de textos em ambiente de sala de aula, destacando, inclusive, elementos anteriores ao produto textual, que podem ou não estar grafados na superfície do manuscrito escolar, conforme se apresentam as rasuras sob o ponto de vista de Fabre (1990) e Calil (2016). Em linhas gerais, como evidencia Dykson (2017), a GT diz respeito a um lugar teórico – ou teórico-metodológico responsável por, pelo menos, discutir, enxergar, analisar, interpretar e buscar a relação do escrevente com o processo de composição do texto. É pela genética textual que examinamos a formulação do manuscrito, dos traços, dos rabiscos e rascunhos que se apresentam no papel, elementos que não seriam analisados, efetivamente, apenas no produto final. A Genética Textual valoriza a gênese da criação, o processo de escritura em ato, enxergando os aspectos processuais de autoria, analisando, no texto dialogal (TD)<sup>4</sup>, aspectos textuais previamente estabelecidos, oral ou escrito, que darão lugar a uma nova materialização linguístico-textual ou serão reformuladas ao longo do processo pelas rasuras, rabiscos, combinações, trocas de ideias, etc.

No campo da GT, o conceito de “rasura oral” surge pela primeira vez em Calil (1998: 108), sendo desenvolvido ao longo de trabalhos mais recentes (Calil, 2014, 2016, 2017), e está diretamente relacionada

4 Diz respeito ao diálogo estabelecido na interação face-a-face, respeitando sua dimensão multimodal (gestos, expressões, movimentos corporais) e a fala espontânea e co-enunciativa dos alunos em dupla (CALIL, 2016).

ao duplo movimento da escrita colaborativa a dois, isto é, ao fato de se combinar oralmente uma história com o objetivo de escrevê-la em uma folha de papel e, ao mesmo tempo, ao fato de falar sobre o quê, como e porque se irá escrever o que está sendo escrito. Essa dupla condição interfere no percurso do manuscrito escolar, caracterizando sua gênese.

Nesse sentido, os escreventes não retornam apenas sobre o que foi dito para ser escrito, mas também ao modo como isso será escrito, podendo ou não deixarem registrado na folha de papel o que foi problematizado. Além disso, os escreventes, ao reconhecerem um elemento gráfico, linguístico ou discursivo (objeto textual) como um problema, podem verbalizar argumentos na defesa de sua manutenção ou alteração.

Nesse sentido, a pesquisa tem como objeto de investigação a atividade metalinguística de crianças pequenas com relação à concordância verbal. De acordo com Myhill et al. (2012, p. 250), a atividade metalinguística pode ser vista como

“a conscientização explícita de uma atenção à linguagem como artefato, e o monitoramento e manipulação conscientes da linguagem para criar significados desejados fundamentados em entendimentos socialmente compartilhados.”

Consoante a esta perspectiva, a atividade metalinguística a partir de histórias inventadas vai proporcionar a quem a escreve refletir sobre o conhecimento gramatical e outros aspectos da língua durante a escrita em ato. Nesse campo de investigação, os estudos linguístico-enunciativos já ganham espaço, inclusive com discussões mais amplas há algum tempo, contribuindo para a compreensão da relação entre quem escreve e o que é escrito em tempo real. Graças à possibilidade de se investigar o processo de escritura em ato, - diferentemente das conclusões que se pautavam com base apenas no produto final – os borrões e apagamentos que já foram considerados inúteis em outro processo, para a Genética Textual podem ter papel muito importante.

Nesse cenário, investiga-se sobretudo as rasuras orais comentadas, como fator-base para a estruturação do texto escrito a dois. As ideias que surgem ao longo da interação dialogal da díade sobre a história inventada não podem ser desprezadas; pelo contrário, devem

ser consideradas e vinculadas ao que está sendo linearizado no papel, atentando-se para o que é dito antes e depois do texto escrito.

No campo da Genética Textual, sobretudo com relação à investigação da atividade metalinguística, podemos destacar diferentes trabalhos relacionados ao universo teórico da nossa pesquisa, como os estudos de Lines et al (2019), Calil (2017), Calil e Pereira (2018), Calil (2012) e tantos outros. Os trabalhos citados estão mais próximos da base teórica da nossa pesquisa, mas não limitam o campo de produção relacionado aos estudos linguístico-enunciativos da GT.

Contudo, nesse avançado universo teórico, uma questão ainda parece ser mais ou menos indeterminada: a definição do termo metalinguístico. Conforme Camps e Milian (1999) “metalinguístico” é um adjetivo que requer um substantivo para ser completado, levando a uma série de termos intimamente relacionados, tais como “consciência metalinguística”, “conhecimento metalinguístico” ou “atividade metalinguística”, com a subsequente imprecisão conceitual. Para este trabalho adotamos a terminologia “atividades metalinguísticas”.

## **A GENÉTICA TEXTUAL NA ABORDAGEM LINGUÍSTICO ENUNCIATIVA E A RASURA ORAL**

A escrita colaborativa pode ser entendida como um processo de produção textual que se dá na conversa entre, pelo menos, duas pessoas. Gaulmyn, Bouchard e Rabatel (2001, p. 09) destacam que as situações de escrita colaborativa também podem ser denominadas “redação conversacional”, quando se observa tanto a escrita nascer da oralidade, quanto a oralidade criar a escrita. Com base nisso, estamos propondo uma análise não do produto textual acabado, mas do processo percorrido nessa escrita colaborativa, dos eventos orais e/ou escritos suprimidos, aqui chamados de rasuras, que deram origem ao manuscrito escolar.

De acordo com Calil (2016), a rasura indica, essencialmente, uma alteração ou mudança no que já foi escrito, seja marcada por um simples traço sobre o que foi grafado ou pelo total apagamento. Já a rasura oral se configura na gênese de natureza oral, dialogal e co-enunciativa, cujo efeito interfere na configuração final do manuscrito (cf. Calil, 2016).

A natureza deste trabalho se volta para as atividades metalinguísticas relacionadas à concordância verbal, ou seja, como se processa a compreensão linguística de crianças portuguesas do 4º Ano com relação ao fenômeno de concordância verbal na produção escrita colaborativa. Nesse sentido, destacamos a importância de atentar cuidadosamente para a rasura oral para uma melhor compreensão dos resultados da escrita a dois, tendo em vista que essa interação pode determinar o produto textual final. Para Lines et al,

o conhecimento gramatical explícito é frequentemente referido como conhecimento metalinguístico que pode ser trazido à consciência e verbalizado; assim, o discurso do estudante sobre o texto é a principal maneira de tornar visível o entendimento metalinguístico (LINES; MYHILL; JONES, 2019, p. 119).

O recorte do manuscrito escolar (ME) apresentado aqui está associado a eventos de concordância verbal realizados na produção textual de crianças portuguesas. De forma breve, podemos dizer que a concordância verbal é a adaptação do verbo ao número e à pessoa do sujeito. Nesse sentido, a conjugação do verbo varia de acordo com o número (singular ou plural) e com a pessoa do sujeito (primeira, segunda ou terceira pessoa). Mas a natureza conceitual e classificatória da concordância, do ponto de vista normativo, interessa-nos muito menos do que as relações dialogais estabelecidas pelos estudantes para esse acontecimento.

Com relação à atividade metalinguística com vistas a decidir que forma verbal adotar na concordância com o sujeito referido anteriormente no texto, vale a pena apostar que os estudantes envolvidos nessa decisão estão inseridos num contexto sócio-histórico de uso da linguagem que permitiu a incursão de padrões convencionais de uso da gramática no que diz respeito à escolha de uma ou outra forma verbal que melhor combine com o referente.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é o resultado da escrita colaborativa entre dois estudantes portugueses, que produzem uma história inventada sob os

moldes do Sistema Ramos<sup>5</sup>, processo em que um estudante é responsável por ditar o texto, enquanto o outro, de posse da caneta, escreve o que fora combinado e está sendo ditado. Trata-se de um recorte da pesquisa de doutorado<sup>6</sup> “Atividades metalinguísticas relacionadas às classes gramaticais e ao sentido das palavras: estudo de caso de uma dupla de alunos do 4º ano do ensino primário” sobre a atividade metalinguística de estudantes.

O *corpus* desta pesquisa faz parte do banco de dados “Práticas de Textualização na Escola”, do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME), coletado no período de fevereiro de 2017, em uma turma de estudantes portugueses do 4º ano do ensino primário. A partir do recorte da transcrição apresentada neste trabalho será possível analisarmos a interação entre os produtores (António e Afonso) no que diz respeito ao agenciamento de ideias para construção e manutenção dos sentidos do texto com relação aos aspectos gramaticais.

## ANÁLISE DOS DADOS

Vejamos a interação da díade com relação à elaboração frasal para estabelecer a concordância verbal adequada. Nesse ponto da escrita colaborativa, e em muitos outros turnos, António participa ativamente da criação oral da história, ditando e escrevendo ao mesmo tempo a segunda tarefa, quando a dupla AN e AF estavam escrevendo o manuscrito escolar “A Branca de Neve no tempo dos dinossauros”, no dia 06/02/2017.

- 5 É um sistema de captura multimodal (visual, sonora e escrita), capaz de oferecer ao pesquisador informações simultâneas do processo de escritura no tempo e espaço da sala de aula (contexto ecológico e didático). O registro visual é feito através de câmeras de vídeo, capturando o contexto da sala de aula e a interação entre alunos e professor; o registro sonoro é feito através de gravadores digitais e microfones, capturando a fala espontânea dos alunos escreventes e o diálogo entre os participantes; o registro escrito é feito através de uma caneta inteligente e do programa HandSpy, capturando o traço da tinta na folha de papel. Para conhecer ou entender mais detalhes sobre o Sistema Ramos, sugerimos uma leitura de Calil (2020).
- 6 A pesquisa “Atividades metalinguísticas relacionadas às classes gramaticais e ao sentido das palavras: estudo de caso de uma dupla de alunos do 4º ano do ensino primário” ainda está na fase inicial, e é desenvolvida pelo pesquisador Mauri Célio Alves Santana, orientada pelo professor dr. Eduardo Calil.

## Evento I

TD: 00:20:17-00:21:56<sup>7</sup>

10. *Passado 30 minutos os 7 anões chegaram da mina e quan-*  
 11. *do abriam e puxa mão a donzela, eles foram para a cozinha*

253. AN\*: (Reformulando) Foram rapidamente levados... (AF concordando com a cabeça) ...rapidamente levados. (Voltando-se para a folha e lendo o que terminou de escrever, posicionando a caneta para continuar. Lendo) ... então desmaiou...
254. AF: (Puxa o braço de Antônio para interromper o ato de escrever) Não, passado trin... Não. Passado um dia...
255. AN\*: Não, não. Passado trinta minutos... os sete anões tinham acabado de chegar da mina. Sim! Vamos! (Voltando-se para o papel. Lendo e escrevendo) Passado [Passado]... trinta [30]...
256. AF: (Ditando) Passado trinta minutos... os sete anões chegaram à casa...
257. AN\*: (Ditando e escrevendo na linha 10) Pera... minutos [minutos]... os [os]... sete [7]... anões [anões]... chegaram [chegaram]... da mina [da mina]. E quando [e quan-] abriam a porta (mudando para a linha 11)
258. AF: (Repetindo) ...chegaram da mina... (AN escrevendo [do abri]...) e quando... abriu...
259. AN\*: (Parando de escrever, levantando a cabeça, olhando para Afonso e fazendo gestos com as mãos para explicar) Abriam! Não são sete? Não só... não é um!
260. AF: (Insistindo) Quando abriu...
261. AN\*: (Voltando a escrever) Abri... abrir... abriam! Eles são sete... não são um. [ram]
262. AF: (Sorrindo) Não, não... mas só há uma... (Fazendo o gesto de abrir a maçaneta de uma porta) porta.
263. AN\*: (Voltando a ditar e escrever) E quando abriam... a porta [a porta]... não viram [não]... (AF chamando o professor, que está passando ao lado) ...
264. AF: (Perguntando ao professor, enquanto AN continua escrevendo [a donzela]) Professor... os sete anões abriam a porta ou um abriu?
265. PROFESSOR: Como tu quiseres. A história é vossa... vocês que têm que pensar. Alguma sugestão... vai funcionar.
266. AF: Tá.

Um primeiro ponto a observar no manuscrito escolar é a ausência de rasura sobre o verbo “abriram”, na frase ‘e quando abriam a porta’, linearizada entre a linha 10 e 11. Se a rasura é um índice de atividade metalinguística, o leitor do manuscrito poderia pensar que esses dois alunos do 4º ano a escreveram sem hesitação ou dúvida. Entretanto, como evidência o TD transcrito acima, a partir do filme-sincronizado, a conjugação do verbo “abrir”, antes mesmo de ter sido todo linearizado, foi reconhecido pelo aluno AF como um problema. Um problema sintático, envolvendo a concordância verbal. Ele reformula a frase, dizendo “e quando abriu...” (AF, turno 258). Essa ação verbal recursiva substitui a forma ‘abriram’ pela forma ‘abriu’. Essa fala espontânea ativa imediatamente uma resposta de AN, antes mesmo de ter acabado de linearizar ‘abriram’. O aluno reitera a forma ‘abriram’, justificando-a: ‘Abri... abrir...

7 Na transcrição adotamos a seguinte codificação: Em bloco verde, é indicado o que está sendo escrito, quando está sendo linearizado. Em fonte vermelha, destacamos o objeto textual (OT) reconhecido pelo aluno. Em azul, indicamos os comentários.

abriram! Eles são sete... não são um.' (AN, turno 259). Justificativa retomada no turno 261.

Esse comentário desdobrado tem um caráter evidentemente metalinguístico. O aluno explica a regra de concordância, ao contrapor o 'sujeito' no plural com o 'sujeito' no singular. Ele não verbaliza a regra de concordância verbal (o sujeito deve concordar em número com o verbo), também não verbaliza os termos metalinguísticos, ao justificar porque é que se deve escrever "abriram". Contudo, ao exemplificar, remetendo ao fato de serem "sete anões" ao invés de "um", ele destaca o problema do uso do 'plural' versus o uso do 'singular' na relação entre o sujeito e o verbo (predicado) na construção e a necessidade de ambos estarem concordando em número.

Como resposta, AF verbaliza em um outro comentário desdobrado, um contra-argumento, também de caráter metalinguístico, em que o verbo deve concordar com o objeto, e não com o sujeito ('Não, não... mas só há uma... porta', turno 262). Ele insiste em seu próximo turno, recorrendo ao professor e reformulando a problematização do OT reconhecido: 'Professor... os sete anões abriram a porta ou um abriu?' (turno 264).

A despeito da resposta pouco atenta do professor, a pergunta do aluno indica uma interpretação da concordância verbal. Aqui, parece haver um entendimento, digamos, mais literal da ação de se abrir uma porta. Os sete anões não poderiam abrir, todos ao mesmo tempo, a mesma porta, pegar (como indica o gesto do aluno) a mesma maçaneta. Nesse sentido, o aluno modifica implicitamente seu argumento, não mais elegendo o objeto direto como elemento que justificaria a concordância, mas alterando o sujeito da ação de abrir uma porta: um dos sete anões. Uma atividade metalinguística implícita, mas indicativa sobre o modo como o aluno construiu seu argumento, ainda que infrutífero. No manuscrito ficou linearizada a concordância correta, sem marcas de algum tipo de reflexão durante sua linearização.

Depois que a díade discute durante algum tempo sobre que forma verbal seria a mais adequada para a manutenção da concordância verbal na sentença pretendida, António insiste que está certo, linearizando a forma verbal *abriram*. A gênese da criação textual nos permite constatar o caminho percorrido pelos estudantes até que o elemento linguístico seja efetivamente representado no papel. No caso da escritura em ato, é possível perceber não só os movimentos da

caneta sobre o manuscrito, que dão lugar à escrita materializada, ou linearizada, como também tomar conhecimento dos aspectos textuais rasurados durante o processo e do lugar que eles assumem na construção da textualidade.

No texto dialogal (TD) produzido pela díade António e Afonso, antes de nos voltarmos para o produto final, que apresenta a forma verbal *abriram* concordando naturalmente com o sujeito *os sete anões*, importa atentar para as divergências de opinião ocorridas entre os dois estudantes para decidirem qual forma empregar. Enxergar esse ponto de tensão<sup>8</sup> como uma simples brincadeira de criança - em que as preferências de um nem sempre coincidem com as do outro - seria, no mínimo, desconsiderar o caráter enunciativo e cognitivo-funcional da linguagem, tendo em vista que as estratégias mentais lançadas pela díade são indicadores do conhecimento da gramática por cada um deles, revelado pelas operações mentais.

Dada a natureza funcional da língua, a díade António e Afonso age sobre o texto com certa intimidade para dizer o modo como ele deve funcionar. Isso decorre do fato de esses meninos estarem participando de um contexto de uso da linguagem, refletindo sobre a linguagem e a partir dela, decidindo o sintagma mais adequado para a construção gramatical. Nesse movimento de busca pelo termo mais adequado, destacamos a postura linguística dessas duas crianças portuguesas: António, naturalmente mais íntimo da norma-padrão da gramática e, muito provavelmente, mais reflexivo com a língua em uso, demonstra conhecimento sobre os princípios que regem a gramática normativa e assume a postura de usuário/escrevente consciente, lançando mão de argumentos que justificam sua escolha, conforme podemos observar em ('Abriram. São sete, não é um', turno 259) e ('Eles são sete, não são um', turno 261). No caso de Afonso, a reflexão sobre o termo a ser empregado parte de um processamento linguístico que manipula outras possibilidades de concordância a partir do (não)reconhecimento do sujeito verbal.

Outro fato interessante para se destacar nessa história inventada é a dissociação dos aspectos conceituais de concordância verbal à atividade metalinguística desenvolvida entre os estudantes. O que está em

8 Ponto de tensão é entendido aqui como os movimentos recursivos dos alunos diante do manuscrito em curso, segundo Calil (2016).

cena não é a natureza conceitual do conteúdo sintático, mas os efeitos deste sobre a linguagem e para a linguagem, assim como a comprovação da dimensão cognitivo-funcional da língua, manifestada a partir da capacidade reflexiva do usuário.

## Evento II

O fragmento 2 a seguir também compõe o manuscrito escolar *A Branca de neve no tempo dos dinossauros* e revela o resultado da combinação de ideias entre a díade António e Afonso sobre o aspecto gramatical da concordância verbal. Desta vez, o diálogo gira em torno da concordância do verbo *ter* com o sujeito *A Branca de Neve*, o que parece estar claro para António. Por outro lado, com relação ao entendimento de Afonso, a dúvida sobre quem é o referente para a forma verbal ainda é o ponto principal das discussões entre ambos. Vejamos o fragmento.

12. *de mais o portal por onde Branca de neve tinha sido arrastada*  
 13. *os 7 anões saltaram para o portal e chegaram à pintura*

256. AN\*: (Lê o que havia escrito) Por onde... (Respondendo a Afonso). (Ditando e escrevendo) Branca ...Branca de Neve **tinha** [**Branca de Neve tinha**]  
 257. AF: (Olhando para António) (SI) o resto da história nós planejamos juntos, o resto da história.  
 258. AN\*: (Terminando de escrever **sido**) **Tinha sido**... (Lendo).  
 259. AF: Um desastre!  
 260. AN\*: ...arrastada...  
 261. AF: (Olhando para Afonso) **Tiiinham sido!**  
 262. AN\*: (Volta a ler o que havia escrito, passado o dedo sobre o texto) O portal por onde a Branca de Neve **tinha sido** um desastre? (Fazendo expressão de riso e interrogação ao olhar para Afonso) **Tinha sido arrastada**... (Enfatizando).  
 263. AF: (Olha para o texto e volta-se para António) **Tinha... tiiinham sido**... arrastados! (Afastando-se para a sua cadeira)  
 264. AN\*: (Tentando explicar a Afonso, fazendo gesto com as mãos) **Não. Foi a Branca de Neve que foi arrastada!**  
 265. AF: (Mexendo no crachá) **Sim**.

Inicialmente, é importante atentar para o fato de que, assim como no primeiro caso apresentado, não há evidência de rasura escrita sobre a forma verbal “tinha”, na frase “tinha sido arrastada”, linearizada na linha 12 do manuscrito. Assim sendo, é preciso observar o OT reconhecido por AF a partir evidência dada pela ênfase na sílaba tônica da forma verbal “tiiinham”. Esse caso de concordância verbal refletido por AF, de fato parece ter sido resultado de uma desatenção ao processo

de construção da história, visto que, ao ouvir o trecho escrito e lido por AN, no turno 258, AF sugere um complemento para a locução verbal que não cabe no contexto da produção. Com isso, AN recusa a sugestão, depois de fazer uma releitura do trecho e confirmar a inadequação do termo (turno 262).

O contexto que AN dita a história segue numa situação em que os sete anões veem o portal por onde a Branca de Neve foi arrastada. Essa situação já foi mencionada antes no texto, combinada pelos dois estudantes. Ainda assim, AF se perde na progressão textual, provocando um certo tom de humor em AN, ao estranhar tal sugestão.

Conforme se observa no TD, e se confirma no registro fílmico, a reflexão metalinguística feita por AF sobre o emprego da forma verbal “tinham” no enunciado exposto revela um conhecimento das normas gramaticais, sobretudo no que diz respeito à concordância verbal. Obviamente que o sujeito o verbo não foi devidamente reconhecido por AF, mas o fato em questão é um indício de que, enquanto usuário da língua, o estudante tem conhecimento do funcionamento dela. Tal reflexão metalinguística é feita por AN de maneira mais consciente em relação ao conhecimento das normas da gramática, visto que este estudante reflete o OT reconhecido e atua sobre o conhecimento da língua, inclusive para contrapor a opinião do colega, conforme se observa no comentário “Não. Foi a Branca de Neve que foi arrastada!”, no turno 264. Nesse sentido, sua firmeza dada pela reflexão metalinguística realizada contribui para convencer AF também dessa questão.

O ponto de tensão encontrado nesse recorte do manuscrito escolar sugere, mais uma vez, que encaremos a língua na sua dimensão dialógica e interacional. De acordo com Marcuschi (2010, p. 125), “a língua não é um simples sistema de regras, mas uma atividade sociointerativa que exorbita o próprio código como tal”. É um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa entre os seres humanos (cf. Marcuschi, 2010). A esse respeito, Myhill (2018) aponta que o trabalho com a escrita deve priorizar a capacidade do escrevente de fazer escolhas linguísticas em detrimento da identificação de estruturas gramaticais. No caso em questão, observamos que as tentativas para decidir que forma verbal deve estar vinculada na construção gramatical, provavelmente, sejam resultado do ensino da gramática no contexto formal da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com as atividades metalinguística de concordância verbal sob a perspectiva da linguística enunciativa além de nos permitir reconhecermos a língua como fenômeno social, como uma prática de atuação interativa, revelada a partir da cultura de seus usuários e da atuação destes enunciativamente, também destaca a importância da rasura oral comentada para a configuração da gênese e da criação textual.

Tanto do ponto de vista da construção da textualidade e dos sentidos que são construídos para o texto e no texto - dada a relação dialógica dos sujeitos -, quanto com relação à constituição dos ordenamentos gramaticais que entrelaçam diferentes elementos numa relação sintagmática para a composição do todo pretendido, a linguística é entendida como sendo um campo de atuação comunicativa em que falantes e escreventes podem se valer dos mais variados recursos linguísticos-textuais-discursivos para assumir-se como sujeitos histórico e socialmente situados, num processo de relacionamento interno com a linguagem e com o outro.

A experiência com a produção escrita no campo da genética textual, considerando a atuação do escrevente diante da ideia do outro, favorece o acesso ao modo de pensar de cada um, colocando-os na condição de sugerir, confrontar, discordar ou complementar a ideia posta. Além dessa interação face a face, os movimentos e gestos multimodais que ocorrem durante o processo contribuem para a realização final do texto ou para compreensão das alterações ocorridas durante a escritura.

A análise dos eventos de concordância verbal em histórias inventadas não se limita às considerações feitas neste trabalho, a partir do manuscrito apresentado. Julgamos necessário uma pesquisa mais aprofundada sobre a questão, que possa contribuir para o levantamento de dados e resultados mais consistentes e para a construção de posturas metodológicas mais avançadas para o tratamento desse campo relacionando-o ao ensino da gramática explícita para o desenvolvimento da escrita, conforme Myhill (2018).

Contudo, o recorte textual trazido para essa análise já é capaz de apontar exigências mínimas nos processos cognitivos que regulam a emergência da gramática em contextos de uso, para diferenciá-los de

processos proverbiais decorrentes das tradições da gramática normativa. Ademais, aponta a contribuição da escrita colaborativa para o mapeamento e reflexão do conhecimento linguístico e gramatical.

## REFERÊNCIAS

BIASI, P-M. de. *A genética dos textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

CALIL, E. Rasuras orais em Madrasta e as duas irmãs: processo de escritura de uma díade recém-alfabetizada. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, Ahead of print, abr., 2012.

\_\_\_\_\_, E. *Escritura, memória e associação: processos de criação de poemas por alunos recém alfabetizados*. Revista da Anpool - eletrônica (online), n. 36, p. 371-402, Florianópolis, Jan/Jun, 2014

\_\_\_\_\_, E. *O sentido das palavras e como eles se relacionam com o texto em curso: estudo sobre comentários semânticos feitos por uma díade de alunas de 7 anos de idade*. Alfa, São Paulo, 60 (3): 531-555, 2016

\_\_\_\_\_, E. *Rasura oral comentada: definição, funcionamento e tipos em processos de escritura a dois*. In: SILVA, C. L. C.; DEL RÉ, A.; CAVALCANTE, M. C. B. (Org.) *A criança na/com a linguagem: saberes em contraponto*. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras UFRGS, 2017.

\_\_\_\_\_, E. PEREIRA, L. A. Reconhecimento antecipado de problemas ortográficos em escreventes novatos: quando e como acontecem. Alfa, São Paulo, v.62, n.1, p.91-123, 2018.

\_\_\_\_\_, E. *Sistema Ramos: método para captura multimodal de processos de escritura a dois no tempo e no espaço real da sala de aula*. Alfa, São Paulo, v.64, e11705, 2020.

CAMPS, A.; MILIAN, M. *Metalinguistic activity in learning to write*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 1999.

DIKSON, D. *Genética textual e método: o processo de gênese na produção de manuscritos escolares a partir de versões em criação*. Manuscrita. Revista de Crítica Genética, n. 32, p. 48-60, 2017.

FABRE, C. *Les brouillons d'écoliers ou l'entrée dans l'écriture*. Grenoble: Ed. Ceditel/L'Atelier du Texte, 1990.

GAULMYN, M-M.; BOUCHARD, R.; RABATEL, A. *Le processus rédactionnel: écrire à plusieurs voix*. Paris: L'Harmattan, 2001.

GRESILLON, Almut. *Éléments de Critique Génétique: lire les manuscrits modernes*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1994. Tradução no Brasil: Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos genéticos. Trad. Cristina de Campos Velho Birks... [et. al.]. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, Ed. 10ª, 2010.

Myhill, D. A., et al. "Re-thinking grammar: The impact of embedded grammar teaching on students' writing and students' metalinguistic understanding." Research Papers in Education 27.2, 2012, p. 139-166.

\_\_\_\_\_. Grammar as a meaning-making resource for improving writing. Contribution to a special issue Working on Grammar at School in L1-Education: Empirical Research across Linguistic Regions. L1-Educational Studies in Language and Literature, 2018, pp. 1-21.

LINES, H; MYHILL, D; JONES, S. The Relationship between Metalinguistic Understanding, Student Writing and Teaching. Knowing Writing: Writing Research across Borders, 2019 p. 113.

WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993